

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

SOLANGE MORAIS DE OLIVEIRA

**ADAPTAÇÃO: MOMENTO DE TRANSIÇÃO IMPORTANTE NA VIDA DA
CRIANÇA E DA FAMÍLIA**

Rio de Janeiro

2012

SOLANGE MORAIS DE OLIVEIRA

**ADAPTAÇÃO: MOMENTO DE TRANSIÇÃO IMPORTANTE NA VIDA DA
CRIANÇA E DA FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Esp. Jayna Cosmo

Rio de Janeiro

2012

OI41a Oliveira, Solange Morais de

Adaptação: momento de transição importante na vida da criança e da família / Solange Morais de Oliveira. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
xx p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2011.

Orientador: Profa. Esp. Jayna Cosmo

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Creche.
5. Adaptação. 6. Família. 7. Relações. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

SOLANGE MORAIS DE OLIVEIRA

**ADAPTAÇÃO: MOMENTO DE TRANSIÇÃO IMPORTANTE NA VIDA DA
CRIANÇA E DA FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Esp. Jayna Cosmo
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

SOLANGE MORAIS DE OLIVEIRA

Dedico este trabalho aos meus filhos, pela paciência e compreensão sobre minhas ausências. Ao meu marido, meu amigo, meu amor, por toda a força, companheirismo e apoio nos dias difíceis. À minha mãe, que sempre acreditou no meu sonho e me ajudou a manter essa chama viva. E a todos os familiares e amigos que, de certa forma, contribuíram para tornar possível este momento especial em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir estar neste lugar de conhecimento e aprender tantas coisas novas sempre me guiando, me dando forças para seguir em frente e chegar até aqui. Aos meus colegas de turma, pelo incentivo diário, força e companheirismo. Aos professores que se dedicaram e me orientaram nesta construção. Não poderia deixar de agradecer ao carinho diário de toda a equipe do Pró-Saber, sem esquecer-me de ninguém.

“O processo de adaptação nunca termina, está reiniciando-se sempre. Sempre envolvido pelo medo do novo, que mexe com um pedaço meu que começa a nascer.”

Madalena Freire

RESUMO

Esse trabalho aborda, de forma simples, questões tão complexas que merecem a reflexão dos profissionais de educação, comprometidos com a educação de crianças pequenas que estão iniciando seu processo de inclusão num novo grupo social, fora do convívio familiar. Pensar em adaptação de bebês em creche significa analisar verdadeiramente a amplitude que ela tem. É de fato refletir sobre a criança e sua família, nesse momento delicado, no qual se somam diferentes sentimentos: ansiedade, insegurança e medo acerca do novo que está por vir. Nesse período, é importante tanto para o bebê e sua família quanto para a equipe que receberá o novo membro, que se estabeleça o vínculo afetivo, o acolhimento e a relação de confiança entre todos, a fim de minimizar o desconforto e a ansiedade que acomete a maioria das famílias e suas crianças.

Palavras-chave: Educação. Educação infantil. Creche. Adaptação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ	13
1.2 O vínculo e a construção de um novo universo	16
2 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A ENTRADA DO BEBÊ NA CRECHE	18
2.1 Instrumentos metodológicos de pesquisa	19
2.2 Participação das mães	20
2.3 Ambiente acolhedor	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

INTRODUÇÃO

No ano de 2005, fui convidada a participar de um processo seletivo para o cargo de auxiliar de turma numa creche situada no Bairro da Mangueiras, no Rio de Janeiro. Após este período e a aprovação, passei a fazer parte integrante deste espaço de Educação Infantil, o qual atende crianças na faixa etária de três meses a cinco anos completos. Durante todos esses anos, tive a oportunidade de trabalhar em diferentes segmentos dentro da creche, porém, sempre com um desejo maior de estar com os bebês, por me identificar bastante com esta faixa etária.

Muitos fatos aconteciam nesta turma, porém um dos momentos mais delicados que vivenciei era exatamente a entrada da criança na creche, fato este que me fez refletir, ter muitas dúvidas, muitos questionamentos, muitas situações inusitadas as quais me faziam rever a prática diariamente.

Algumas perguntas surgiram: Como acolher bem essa criança? Será que ela vai sentir-se bem no novo espaço? Como contornar o choro da mãe e suas ansiedades neste momento? Como deixá-la tranquila ou pelo menos um pouco mais relaxada para aceitar o novo espaço onde deixará seu bem mais precioso? É a tal da “ADAPTAÇÃO”, que surge como um bicho de sete cabeças!

A ideia deste trabalho surgiu a partir de minhas observações acerca dos comportamentos da turma de Berçário I, onde passei três anos vivenciando diferentes sentimentos. Percebia como este momento era delicado para os bebês, mas principalmente para suas mães, que sofriam bastante, apesar de reconhecerem o espaço como o mais indicado para seu filho enquanto retomavam a vida profissional, num misto de necessidade, desejo e angústia, talvez com a terrível sensação de abandono.

Começo então a buscar competências para que, a partir de um novo olhar, possa entender melhor o que ocorre durante a transição e inserção dos bebês e de suas famílias num espaço fora do convívio familiar.

No trabalho apresentado, estarei me referindo a bebês na faixa etária entre 03 e 12 meses, de uma creche institucional da Zona Norte do Rio de Janeiro. As famílias que procuram a creche, neste caso, são constituídas de

pelo menos um membro que é servidor federal, o qual faz jus à vaga na instituição que é um benefício concedido a eles.

Diante do desejo, as famílias preenchem uma ficha de inscrição e ficam aguardando o chamado para uma entrevista, que acontece com agendamento prévio, através de e-mail ou telefonema. Nesta entrevista, são levantados dados importantes sobre essa criança, tais como: gestação, nascimento, tipo de parto, intercorrências de saúde da criança, amamentação, alimentação, hábitos de sono, uso de chupeta ou de algum objeto de aconchego, banho, entre tantas outras. Esclarece-se que a creche não pode ser a única opção da família para deixar a criança, principalmente em caso de adoecimento. Salientamos também que a creche não faz menção a nenhum tipo de religião, nem enfatiza datas comemorativas.

A escolha da creche é uma decisão importante e difícil na vida das famílias. Buscar uma creche que atenda às necessidades e anseios não é tarefa muito fácil, porém, um dado que deve ser levado em consideração é a referência acerca deste local como: a história da instituição, seus princípios e propostas.

Se as famílias conhecem a creche em diferentes aspectos, tais como, o espaço físico disponibilizado às crianças, profissionais capacitados a esse atendimento, ambiente acolhedor e estimulante ao mesmo tempo, seriedade e coerência nas propostas voltadas àquela faixa etária, a segurança é maior.

Toda a seriedade e respeito dedicados à criança devem ser levados em consideração. Entretanto, é de suma importância entender quem é esta criança que estou lidando, pois assim estaremos investindo na qualidade do atendimento, que será um fator primordial para que este momento de transição transcorra bem para todos os envolvidos.

A minha monografia está organizada nesta introdução, três capítulos, considerações finais e referências bibliográficas. No primeiro capítulo, trato do desenvolvimento do bebê de zero a dois anos. No segundo, discorro sobre a entrada do bebê na creche, importância de um ambiente acolhedor apresento a metodologia usada na pesquisa. No terceiro capítulo, analiso a importância do vínculo nesse processo, para enfim deixar minhas considerações finais e indicar a bibliografia utilizada.

1 O DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ

A luz da teoria de Freud, Rappaport, Fiori e Davis mostram que as crianças passam por diferentes fases em seu desenvolvimento, o que irá ajudar a compreender melhor quem são as crianças às quais me refiro nesse trabalho monográfico.

Segundo os autores supracitados, os bebês passam por diversas fases de desenvolvimento cognitivo e a primeira delas é a fase oral, compreendida entre Zero e Dezoito meses.

Ao nascer, o bebê perde a relação simbiótica pré-natal, que possuía com a mãe e rompe com a satisfação plena da vida intrauterina. Com o corte do cordão, a separação é irreversível e a criança deve iniciar sua adaptação ao meio. Muito se tem falado do “trauma do nascimento”, enfatizando-se os traumatismos físicos de parto, como uma entrada violenta no mundo. Não há como negar que estes processos possam ter influências no desenvolvimento futuro e que deles podem, inclusive, decorrer sequelas lesionais. Mas não é daí que surgirá a angústia fundamental do nascimento. O termo angústia, em sua própria origem etimológica, significa “dificuldade para respirar”. Com o corte do cordão, bloqueia-se o afluxo do oxigênio materno. A carência é sentida, e o organismo já luta para sobreviver. A luta entre os instintos de vida e os instintos de morte já é um combate franco neste momento. É preciso reagir, inspirar, introjetar o mundo externo. Ou se recebe o externo ou se deixa de viver.

A angústia de respirar é a perda do paraíso bíblico e o início da conquista do pão com o suor do próprio rosto. Perdido o útero, a criança terá de enfrentar o mundo. Construirá progressivamente suas relações afetivas e intelectuais, até que ela própria se torne progenitora. Está estabelecida a luta pela perpetuação da vida, finalidade última da própria vida. A latência da semente cede lugar às primeiras folhas que se abrem para o sol e a chuva, para o crescer e o tornar-se árvore. Respirar marca o ponto inicial da independência humana. Várias etapas se sucederão até a plena aquisição de sua identidade.

A luta inicial é pela manutenção do equilíbrio homeostático. Os processos, já existentes na vida intrauterina, de incorporar os alimentos necessários e excretar o que é prejudicial, serão agora deslocados para as relações com o mundo. Inspira-se o ar saudável, repleto de oxigênio e expira-se o ar viciado. A amamentação traz o leite que alimenta as fezes e a urina que nada mais são que os produtos já metabolizados e inúteis. Aí estão os fundamentos biológicos dos mecanismos de projeção e introjeção, que virão estabelecer as primeiras trocas psicológicas da criança com o mundo.

No nascimento, a estrutura sensorial mais desenvolvida é a boca. É por ela que o bebê se mobilizará na luta pela preservação do equilíbrio homeostático e começará a provar e a conhecer o mundo. É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio, o primeiro objeto de ligação infantil. Este é o depositário de seus primeiros amores e ódios. O seio já existe quando o desenvolvimento maturacional não permite ainda à criança reconhecer o seu primeiro objeto total: a mãe. Esta se construirá gradativamente a partir do amor que o seio oferece. Erikson define que, neste momento, a criança ama com a boca e a mãe ama com o seio. (RAPPAPORT, FIORI, DAVIS, 1981, p.36).

Neste momento a libido está organizada em torno da zona oral. O conceito de fase pressupõe a organização da libido em torno de uma zona erógena, dando uma modalidade de relação de objeto. A fase fica caracterizada pela zona erotizada e daí a denominação de fase oral, dada a este período. (RAPPAPORT, FIORI, DAVIS, 1981, p.35 e 36)

Piaget (1964) aponta que a criança constrói seu conhecimento ou seus esquemas unindo diferentes ações, com a finalidade de adaptar-se. Ele observou que ocorrem diferentes reações em determinados ambientes, de acordo com cada faixa etária. Sendo assim, ele nomeou em estágios ou períodos para poder compreender o que acontece em cada um deles. Tratarei apenas do estágio sensório-motor que irá me remeter à faixa etária de zero a dois anos.

No ponto de partida da evolução mental, não existe, certamente, nenhuma diferenciação entre o eu e o mundo exterior, isto é, as impressões vividas e percebidas não são relacionadas nem à consciência pessoal sentida como um "eu", nem a objetos concebidos como exteriores. São simplesmente dados em um bloco indissociado, ou como que exposto no mesmo plano, que não é nem interno nem

externo, mas a meio caminho entre esses dois pólos. Estes só se oporão um ao outro pouco a pouco. Ora, por causa desta indissociação primitiva, tudo que é percebido é centralizado sobre a própria atividade. O eu, no início, está no centro da realidade, porque é inconsciente de si mesmo e à medida que se constrói como uma realidade interna ou subjetiva, o mundo exterior vai se objetivando. Em outras palavras, a consciência começa por um egocentrismo inconsciente e integral, até que os progressos da inteligência sensório-motora levem à construção de um universo objetivo, onde o próprio corpo aparece como elemento entre os outros, e, ao qual se opõe a vida interior, localizada neste corpo. (PIAGET, 1964, p.19)

Este período representa a conquista através da percepção e dos movimentos de todo o universo prático que cerca a criança. Isto é, dá-se a formação do esquema sensório-motor que permitirá ao bebê a organização inicial dos estímulos ambientais, permitindo que, ao final do período, ele tenha condições de lidar, embora de modo rudimentar, com a maioria das situações que lhe são apresentadas. (RAPPAPORT, FIORI, DAVIS, 1981, p.66)

Em minha experiência com as crianças que entram na creche um pouco mais tarde, principalmente em torno dos oito meses, percebi que há uma forte tendência ao estranhamento, e conseqüentemente o choro é inevitável. É a chamada angústia dos oito meses.

Margareth Mahler nomeia este momento como a primeira subfase: A Diferenciação, que compreende dos cinco aos oito meses. Segundo ela, o bebê está permanentemente alerta sempre que está acordado. Aos seis meses, aparece o comportamento de puxar o cabelo, orelhas e o nariz da mãe, botar comida em sua boca e o deslocar-se do corpo dela para poder olhá-la melhor e também o mundo exterior. Aos oito meses tem lugar o auge da exploração manual, tátil e visual do rosto da mãe, assim como a dos objetos sobre seu corpo (broches, colar, óculos).

O desenvolvimento desses modelos de exploração vai, mais tarde, transformar-se na função cognitiva de comparar o não familiar ao familiar. Quem é minha mãe? Quem não é minha mãe?

Esse confrontar-se com a mãe, deslocando-se corporalmente, é o sinal mais importante de que o bebê iniciou o processo de diferenciação corporal e psicológico. Aparece a ansiedade em relação a estranhos, juntamente com uma curiosidade muito grande com relação a estes, desde que o bebê esteja seguro nos braços da mãe.

1.2 O vínculo e a construção de um novo universo

No período que compreende dos nove aos dezoito meses, ocorre a segunda subfase, chamada, por Mahler, de “Treinamento”. Nela, a criança realiza o afastamento físico da mãe, quando engatinha. Para se reabastecer, volta para junto da mãe para depois se afastar. Necessita também do contato visual e auditivo, quando se afasta dela.

O vínculo deve ser construído, a princípio, com uma pessoa constante, a qual se tornará a sua referência. Esta mesma referência terá uma função fundamental neste processo, pois ela substituirá a mãe, neste momento, e terá uma função materna, sem ser a mãe. E, será ali que a criança se sentirá segura e conseguirá avançar.

Winnicott, Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, sempre se interessou pela apresentação das mais arrojadas teorias de uma forma simples e direta, que os pais, professores ou assistentes sociais pudessem compreender sem esforço. Ele revela que a “mãe suficientemente boa” (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aniquilar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Naturalmente, a própria mãe do bebê tem mais probabilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa, já que essa adaptação ativa exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos com determinado bebê; na verdade, o êxito no cuidado infantil depende da devoção, e não de “jeito” ou esclarecimento intelectual. (WINNICOTT, 1975, p.25)

Quando falamos de vínculo, surge a pergunta: O que a criança traz de casa como objeto de estimação pode auxiliar neste processo de adaptação?

WINNICOTT, a partir de seus estudos e observações, nomeou este objeto que tem um significado emocional e afetivo para a criança, lhe proporcionando uma relação especial como “Objeto Transicional”:

“O bebê assume direitos sobre o objeto, o objeto é afetuosamente acariciado, bem como excitadamente amado e mutilado, ele nunca deve mudar, a menos que seja mudado pelo bebê, deve sobreviver ao amar instintual, ao odiar também e à agressividade pura se esta for uma característica, deve parecer ao bebê que lhe dá calor, ou que se move, ou que possui textura, ou que faz algo que pareça mostrar

que tem vitalidade ou realidade própria, ele é oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não o é, segundo o ponto de vista do bebê. (WINNICOTT, 1975, p.18)

O objeto transicional tem um simbolismo, pois ele representa para a criança um elo entre o mundo exterior e o interior num misto de sentimentos, onde o afeto, o apego e o aconchego estão em evidência. Segundo a psicopedagoga Anna Maria Lacombe, “quanto melhor for construída a confiança básica da fase simbiótica, melhor a reação da criança diante de estranhos que passam a ser encarados com curiosidade e assombro”.

Madalena Freire (2008) aponta que assim como os professores trabalham as descobertas, os interesses e as necessidades das crianças, assim como o coordenador trabalha as necessidades e os interesses dos professores, deve existir um profissional que trabalhe os interesses e necessidades dos pais.

Trabalhar com os pais não é infantilizá-los, propondo que desenvolvam as mesmas atividades que seus filhos na escola, pois isto significaria dizer a eles que não sabem refletir sobre a prática com seus filhos. É importante resgatar o que eles já sabem, de intuição e de bom senso, pois também são educadores. Saber ler seus interesses, desafios e necessidades é tarefa do professor que tem a preocupação de pensar, refletir junto sobre o que é educar, para que cada um opte e construa seu caminho na sua relação com a educação de seu filho. (FREIRE, 2008, p.147-148)

Se os encaminhamentos prévios forem feitos com clareza e realmente houver uma parceria a relação de confiança será construída durante todo o processo de adaptação. O momento poderá transcorrer de forma mais amena, quando a mãe se sente confortada ao perceber que seu filho estará seguro e bem cuidado enquanto ela trabalha. O bebê, por sua vez, fará vínculos afetivos com novas pessoas e os profissionais envolvidos, por entenderem todo o processo que ocorre com ambos os envolvidos, atuarão como mediadores, demonstrando sensibilidade e respeito para lidar com as situações que por ventura possam surgir.

2 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A ENTRADA DO BEBÊ NA CRECHE

Na publicação “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças”, podemos ver especificações relativas à organização e ao funcionamento interno das creches, dando referências para um atendimento de qualidade. Maria Malta Campos elenca doze capítulos, sendo que um deles é: “Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche” (2009, p.26). Este capítulo está subdividido em treze critérios que identificam de que forma esse princípio é garantido no cotidiano da creche:

- As crianças recebem nossa atenção individual quando começam a frequentar a creche;
- As mães e os pais recebem uma atenção especial para ganhar confiança e familiaridade com a creche;
- Nossas crianças têm direito à presença de um de seus familiares na creche durante seu período de adaptação;
- Nosso planejamento reconhece que o período de adaptação é um momento muito especial para cada criança, sua família e seus educadores;
- Nosso planejamento é flexível quanto a rotinas e horários para as crianças em período de adaptação;
- Nossas crianças têm direito de trazer um objeto querido de casa para ajudá-las na adaptação à creche: uma boneca, um brinquedo, uma chupeta, um travesseiro;
- Criamos condições para que os irmãozinhos maiores que já estão na creche ajudem os menores em sua adaptação à creche;
- As mães e os pais são sempre bem-vindos à creche;
- Reconhecemos que uma conversa aberta e franca com as mães e os pais é o melhor caminho para superar as dificuldades do período de adaptação;
- Observamos com atenção a reação dos bebês e de seus familiares durante o período de adaptação;
- Nunca deixamos crianças inseguras, assustadas, chorando ou apáticas, sem atenção e carinho;
- Nossas crianças têm direito a um cuidado especial com sua alimentação durante o período de adaptação;
- Observamos com cuidado a saúde dos bebês durante o período de adaptação.

Em minha prática diária, costumava notar a importância do acompanhamento das mães interagindo junto com as professoras em sala, com seus respectivos bebês, transmitindo-lhes confiança e aconchego, nos mais simples gestos, que poderiam ir de uma brincadeira, até um colinho na hora de amamentar.

2.1 Instrumentos metodológicos de pesquisa

Para compreender de que maneira esse desenvolvimento se dava e se manifestava no cotidiano da creche onde trabalho, usei os mesmos instrumentos metodológicos exercitados no Curso Normal Superior: observação, registro e avaliação.

Diante de minhas observações, via quão importante era a questão da confiança da família em relação ao trabalho desenvolvido pela creche. Quanto mais se sentia acolhida e informada no decorrer dos dias, mais confiante e segura esta família ia ficando e isto também se refletia nos bebês.

Durante os 3 anos de estudo no Pró-Saber, inúmeros conhecimentos foram adquiridos e conseqüentemente um novo olhar surgiu. De fato, tais conhecimentos me auxiliaram na rotina de trabalho, me fazendo enxergar algo que talvez até então passasse despercebido, ou, ainda que fosse realizado, não tinha clareza sobre sua fundamentação. “Observar é focar a escuta e o próprio silêncio em uma ação reflexiva, avaliativa, sobre elementos da prática que se quer pesquisar, estudar.”(Freire, 2008, p.13)

A elaboração deste trabalho me fez retomar algo que aprendi neste espaço de educação, onde realizamos observações, registros, reflexões e avaliações acerca das experiências.

Os instrumentos metodológicos me auxiliaram nesta construção, me dando um norte a seguir e me levando a ter um ponto de observação para minha pesquisa.

Os registros diários foram utilizados como foco para dar o pontapé inicial acerca das situações vivenciadas com os bebês e suas mães, nesta creche, durante o período de adaptação. A cada novo registro que surgia, uma gama de ideias, dúvidas e questionamentos vinham juntos e me levavam a avaliar

que era necessário um aprofundamento nos estudos acerca do tema para poder então compreender o que verdadeiramente acontecia neste momento.

As observações feitas para fins deste trabalho e minha própria experiência nesta creche, levaram-me a perceber que atendemos a esses critérios buscando respeitar e aprimorar a qualidade do atendimento em nossa instituição. Deixar que a criança seja ela mesma no real sentido da palavra, vivendo sua infância com tranquilidade e alegria, experimentando diversas sensações e se permitindo aprender através das próprias experiências. Alguns aspectos de minha prática são relevantes de serem destacados, pois enfatizam o respeito pela criança durante o período da adaptação.

2.2 Participação das mães

Fiz algumas observações na turma de Berçário I, onde as mães participam de todo o processo de adaptação com seus filhos, permanecendo e acompanhando todos os procedimentos realizados na rotina da creche durante uma semana (a princípio), ou conforme a necessidade da criança. Este período pode ser prorrogado pelo tempo que for necessário. Elas dão dicas sobre os hábitos das crianças, tais como: a posição para dormir, o uso de chupetas ou paninhos, a forma como a criança toma banho e se alimenta, dentre outros. Elas têm total apoio e incentivo para vir amamentar seus filhos, mesmo durante o horário de expediente, quando o período em que ficam na sala com a criança se encerra. Isto é um direito garantido a elas pela própria instituição, em parceria com a creche.

Há uma organização para que isso aconteça de forma a proporcionar tranquilidade, conforto e aconchego, tanto para as mães e seus bebês como para os demais integrantes deste grupo do Berçário I, pois como está no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.” (ECA, Lei Nº8069, 1990).

2.3 Ambiente acolhedor

Um dos fatores que sempre me chamou a atenção nas salas onde trabalhei era, exatamente, a estética e o cuidado que traduziam uma organização que tornava o ambiente alegre e estimulante e ao mesmo tempo fosse acolhedora. Com isso acabava tendo um retorno muito positivo a partir dos comentários das mães, e da curiosidade demonstrada pelos bebês no primeiro contato com o novo espaço. Eles sentiam-se atraídos pelas cores e movimentos que encontravam. As mães por ficavam à vontade para sentarem-se ou deitarem-se no chão para brincar junto aos seus filhos, sentindo-se recepcionadas.

A realidade da creche em que trabalho, infelizmente, não é a mesma da grande maioria, pois dispõe de todos os recursos possíveis para que esta organização seja feita desta forma. É, sem dúvida, uma especificidade desta instituição.

Segundo Celéstin Freinet, “a sala de aula deve ser prazerosa e bastante ativa, pois o trabalho é o grande motor da pedagogia”.

A organização do ambiente, que me rendeu bons frutos neste processo de inserção, pode ser descrito para que se perceba como estímulos podem acontecer para que ocorra uma experimentação e, conseqüentemente, uma aprendizagem.

O ambiente da sala é dividido em três espaços, sendo uma sala para o banho e troca das crianças, a qual as mães têm total acesso; uma sala com tapetes emborrachados, espelho, colchões, almofadas, rolos, barra de apoio, e diversos tipos de brinquedos, onde realizamos as atividades de estimulação, brincadeiras e trocas de experiências e uma sala de repouso, onde ficam os berços e as poltronas de amamentação, as quais são utilizadas pelas mães neste momento tão sublime e que merece total atenção e incentivo.

Quando termina o processo de adaptação com as mães dentro da sala e os bebês estão em fase de amamentação exclusiva, elas têm livre acesso para vir à creche, de acordo com a necessidade de seu filho. Podem também optar por enviar o leite materno congelado, em recipiente apropriado e entregá-los ao lactário, seguindo as orientações da Nutricionista da creche. O leite é oferecido ao bebê de acordo com sua necessidade diária. Este fato se dá, porque, nem

sempre, a servidora da instituição é a mãe, ficando muitas vezes impossibilitada de ir amamentar durante sua jornada de trabalho.

Quando a mãe opta por ir amamentar seu filho, quando este já está na fase de introdução de novos alimentos, os horários são devidamente combinados com as professoras, seguindo as orientações do Pediatra da criança e da Nutricionista da creche. Este é sempre um momento muito delicado, onde surgem muitas dúvidas e questionamentos acerca da aceitação de novos alimentos pelo bebê, o que geralmente ocasiona uma grande ansiedade por parte das mães. Porém, neste caso, podemos contar com uma equipe qualificada capaz de tornar este momento prazeroso tanto para o bebê quanto para sua mãe, dando lugar à tranquilidade.

E assim, vamos criando os vínculos através da aproximação, da ambientação e do aconchego, fazendo com que as mães entendam quais são os benefícios de uma relação de confiança para ambos, o que, conseqüentemente, fará toda a diferença na chegada da criança ao novo grupo social.

Pude perceber também que, quando as mães permaneciam durante o período de amamentação, os bebês se reabasteciam deste cuidado e aconchego materno e a criação de vínculos com outras pessoas era bem mais fácil. Eles eram também capazes de estabelecer contatos com outras crianças e de se familiarizar com o novo ambiente.

É importante que o acolhimento, a afetividade e a atenção individualizada estejam presentes para que esse vínculo se torne consistente e possa fazer com que este momento transcorra da melhor maneira possível.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando colocamos um foco diário em nossa rotina, acabamos por acrescentar algo que irá nos auxiliar de forma positiva e foi o que aconteceu. Parti da fundamentação teórica, para buscar embasamento para minhas reflexões, realizando um contraponto entre a teoria e a prática, o que me levou a compreender melhor o meu papel. As intervenções e encaminhamentos necessários passaram a ser feitos com mais segurança.

Após o trabalho de pesquisa, onde me debrucei em diversos teóricos conceituados no assunto, tais como Piaget, Freud e Margareth Mahler, as descobertas me fizeram compreender melhor quem é cada criança, em que fase de desenvolvimento se encontra, quais as suas necessidades, entre tantas outras questões que interferem neste momento de mudança na sua vida.

De fato, os profissionais de educação que realmente são comprometidos com o seu trabalho estão buscando, cada vez mais, um aprimoramento neste âmbito, visando entender melhor a criança e seu desenvolvimento, para promover uma melhor integração ao novo grupo. Compreender as relações, desejos e sentimentos nos momentos de mudança, bem como respeitar a sutileza do misto de sentimentos que ocorrem nas relações mãe/filho/creche/professores neste momento, é fundamental.

Buscar uma melhoria na qualidade do atendimento às crianças, tanto no âmbito privado quanto no público, é um compromisso inadiável. É preciso acreditar que podemos fazer a diferença. Para tanto, é preciso tentar mudar, estar disponível, adaptar-se ao novo e aprender, a cada dia, que esta mudança ocorre de dentro para fora, tanto para os profissionais envolvidos no processo como para os bebês e suas famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: O cuidado como ética**. Rio de Janeiro: Cortez, 2011.

LACOMBE, Anna Maria. **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAPOPORT, Andrea et al. (Org.). **O dia a dia na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

RAPPAPORT, Clara Regina et al. **Psicologia do desenvolvimento: Teorias do desenvolvimento Conceitos fundamentais**. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 1981. v.1.

SALOMÃO, Jaime. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Ltda, 1975.

WINNICOT, D.W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.